

Patrimônio e memória do grupo étnico teuto-brasileiro no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina no tempo presente

Bibiana Werle¹

Resumo: O trabalho a ser apresentado trata-se de um projeto de pesquisa tributário de reflexões acerca de minha dissertação de mestrado. A partir do estudo realizado sobre a memória dos descendentes de imigrantes alemães em relação à Campanha de Nacionalização varguista em uma específica região de colonização alemã no Rio Grande do Sul, observa-se os silenciamentos e esquecimentos produzidos acerca deste período pelos "lugares de memória" que têm como finalidade enaltecer uma identidade étnica teuto-brasileira na contemporaneidade. Sendo um projeto de pesquisa em construção, o trabalho baseia-se principalmente nas noções de "lugar de memória", segundo Pierre Nora, identidade étnica, através de Giralda Seyferth, memória conforme Michael Pollak, patrimônio e presentismo, de acordo com François Hartog; e busca compreender os usos deste passado analisando os roteiros turísticos e comemorações consideradas típicas dos grupos teuto-brasileiros no Vale do Taquari (Rio Grande do Sul) e no Vale do Itajaí (Santa Catarina).

Palavras-chave: memória, patrimônio cultural, identidade étnica.

1 Introdução

A reflexão realizada neste trabalho é tributária das conclusões obtidas a partir da minha dissertação de mestrado, que tratou o tema da Campanha de Nacionalização (1937-1945)² varguista e sua memória³ em uma específica região marcada pela imigração alemã no

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e professora colaboradora do Departamento de História da UDESC. O presente artigo é resultante da dissertação de mestrado intitulada "A Campanha de Nacionalização e sua memória no Alto Taquari (RS)", defendida em janeiro de 2014, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do professor Dr. Alessandro Mario Kerber, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: bibiwerle@gmail.com

²Elaborada durante o período ditatorial do primeiro governo Vargas (o Estado Novo, de 1937-1945), a Campanha de Nacionalização – comprometida com a ideia de formação da identidade nacional brasileira – promovia o enaltecimento de símbolos nacionais através dos meios de comunicação, de cartilhas escolares e de produções culturais de maneira autoritária. Ao observar textos propagandísticos do Estado Novo, Maria Helena Capelato (1998) afirma que os mesmos acentuavam os perigos que os imigrantes estrangeiros representavam para o Brasil naquele momento. Em contraposição ao período político anterior, a Primeira República, que se caracterizava pelo federalismo, o governo do presidente Getúlio Vargas inseria o Brasil numa nova conjuntura marcada pelo centralismo político, considerado fundamental para a modernização do país.

³De acordo do Pollak (1992), a memória, além de ser um fenômeno construído coletivamente, é submetido a flutuações e transformações. A memória seria, assim, projeção ou identificação com determinado passado. Segundo o autor, a memória ainda é seletiva; herdada, em parte, não se referindo apenas à vida física da pessoa; sofre flutuações de acordo com o momento; é um fenômeno construído a partir de mecanismos conscientes e inconscientes; e possui uma relação estreita com o sentimento de identidade.

Rio Grande do Sul, o Alto Taquari⁴. Tendo como uma das conclusões de pesquisa o fato de que existe um silenciamento sobre a memória⁵ da Campanha de Nacionalização nesta região, passei a observar também que há um conflito entre as memórias narradas neste processo, consideradas aqui como memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), e os “lugares de memória” (NORA, 1993) existentes na região para representar a história, a memória e a identidade dos grupos étnicos⁶ teuto-brasileiros no tempo presente. A fim de refletir sobre a maneira como esses “lugares de memória” são constituídos em outras regiões marcadas pela presença teuto-brasileira no sul do Brasil, é realizada uma breve análise sobre os mesmos na região catarinense do Vale do Itajaí.

2 Memórias da campanha de nacionalização

As mudanças que estiveram em curso no Brasil nos anos 1920 e 1930, como “[...] a formação de uma indústria de substituição de importação de bens não duráveis, o crescimento de cidades que eram centros de mercados regionais, a crise do café e a falência do sistema baseado em combinações políticas entre as oligarquias agrárias”, de acordo com Oliven (1992, p.39), fizeram com que, juntamente à formação de um aparelho de Estado mais centralizado, o poder político se deslocasse do âmbito regional para o nacional. Em 1937, o confronto entre identidade nacional e identidade étnica⁷ se tornou inevitável em razão da intolerância imposta durante o regime do Estado Novo que, entre outros fatores, buscou

⁴ O Alto Taquari é uma sub-região do Vale do Taquari, que localiza-se no centro-leste do estado do Rio Grande do Sul e passou a integrar o processo colonizatório de imigrantes alemães por via das colônias particulares que se estabeleceram na região a partir de 1853, de acordo com Ahlert; Gedoz (2001, p. 50-51). Durante o Estado Novo, o Alto Taquari abarcava os municípios de Estrela, Lajeado e Arroio do Meio. O Vale do Taquari engloba atualmente trinta e seis municípios do estado gaúcho.

⁵ Como também constataram Marlene de Fáveri (2005) e Regina Weber (2008), o Estado Novo, bem como o período que o precedeu foram marcados por um silenciamento sobre a repressão aos imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses em detrimento de uma memória oficial elaborada a fim de enaltecer a figura de Getúlio Vargas. A construção da imagem de “Pai dos Pobres” e de “Chefe da Nação” sobressaiu-se a uma representação negativa do presidente e da ditadura estadonovista.

⁶ A definição de grupo étnico é compreendida neste artigo segundo a concepção de Max Weber (1994, p. 270), segundo o qual “grupos „étnicos” são aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.

⁷ No que se refere às identidades nacionais, parto da definição de Benedict Anderson (2008) para o conceito de nação que, segundo o autor, é concebida como como uma comunidade política imaginada limitada e soberana. Apesar de se assemelharem às identidades nacionais em vários aspectos, como no de considerarem uma ancestralidade em comum, as identidades étnicas não são construídas a partir do princípio de “soberania” como as nacionais e, neste sentido, a limitação de um território também não se estabelece necessariamente em relação a fronteiras geográficas. É especialmente nesta questão que se considera a identidade dos descendentes de alemães no Brasil como uma identidade étnica e não nacional.

consolidar o projeto varguista de criação de uma versão da identidade nacional brasileira – traduzindo-se na Campanha de Nacionalização. De acordo com Seyferth (2000, p. 92):

[...] foi em nome de uma futura homogeneidade nacional que a xenofobia e o nacionalismo, acirrados no contexto do regime autoritário do Estado Novo, produziram uma campanha (de ‘nacionalização’) para impor o ‘abrasileiramento’, usando, inclusive, efetivos militares.

Durante a Campanha de Nacionalização, as políticas nacionalistas do governo Vargas tiveram especial atenção aos três estados do sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o que se justificava pelo grande número de imigrantes alemães e seus descendentes (principal foco da campanha, que também perseguiu italianos e japoneses) que habitavam este espaço. Ao estudar este processo na região do Alto Taquari a partir de fontes como termos de inspeção, salvo-condutos, correspondências, fonogramas, jornais, entre outros documentos, pude verificar a maneira repressiva e autoritária como se davam as ações nacionalizantes sobre a população local (WERLE, 2014). A partir destes dados, em conjunto com a análise da memória recente sobre este período, realizada através de entrevistas sob a metodologia da história oral, no entanto, fui instigada a refletir sobre o quão presente, ou ausente, se encontra este processo nos “lugares de memória” constituídos para identificar o grupo étnico teuto-brasileiro na região. Entre as conclusões de minha pesquisa, não apenas constatei o uso da violência física e simbólica pelos agentes do governo em situações como a perseguição e proibição daqueles que falavam o idioma alemão, a readequação de escolas étnicas e o fechamento de associações culturais e religiosas, por exemplo, como também observei a dificuldade com que muitos dos entrevistados tinham em narrar este episódio de suas histórias de vida. Na maioria dos casos, era a primeira vez que falavam sobre este assunto – “Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”, salienta Pollak (1989, p. 4) – e, além disso, dificilmente conseguiam relacionar a história local com a história nacional – e estes são os dados que considero mais significativos para a reflexão realizada neste artigo:

A cada entrevista realizada, uma gama de memórias era revelada. Memórias que pareciam estar esperando para serem evocadas, transmitidas, narradas. A memória oficial construída após o Estado Novo colocou Getúlio Vargas em um altar. A construção da imagem de “Pai dos Pobres” e de “Chefe da Nação” sobressaiu-se a uma representação negativa do presidente. Tamanho foi o alcance desse enaltecimento à figura de Vargas, que os próprios depoentes dificilmente associavam a repressão que sofreram com a ditadura

que se dava em âmbito nacional. Enquanto que a proibição do idioma é, na maioria das vezes, apenas atribuída à guerra, o presidente é descrito como um homem bom. Os benefícios criados aos trabalhadores são um exemplo das políticas que fizeram de Vargas um presidente louvável pelo povo (WERLE, 2014, p. 150).

Através da pesquisa em inquéritos policiais, cartas, processos crimes, crônicas e nas memórias dos descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina, a historiadora Marlene de Fáveri (2005) abordou a repressão vivida pelos teuto-brasileiros no estado. Situando os acontecimentos ocorridos no Brasil durante o Estado Novo como uma “outra” guerra, como um desdobramento da Segunda Guerra Mundial, a análise de Fáveri perpassa o cotidiano dos “alemães” catarinenses entrecruzando as memórias narradas sobre o período com fontes que indicam a atuação repressiva de civis e agentes do governo sobre a população de origem imigrante. Quanto à nacionalização do ensino, os estudos de Neide Almeida Fiori (2005) demonstram como a intervenção no ensino, através de uma legislação que restringia as escolas étnicas, desenvolveu-se desde o início do século XX em Santa Catarina.

Os “lugares de memória” são compreendidos aqui segundo Nora (1993), que os concebe como lugares onde a memória de um determinado tempo se encontra presa e estagnada em seu próprio tempo. Os “lugares de memória” possuem efeito nos três sentidos da palavra, de forma simultânea, porém em graus diversos: material, simbólico e funcional e, para existirem, necessitam ter “vontade de memória”, seja através de testemunhos, documentos ou museus, por exemplo. São lugares criados para ancorar a memória, para compensar a perda dos meios de memória⁸ da sociedade contemporânea.

Ao considerarmos os roteiros turísticos, grupos folclóricos e comemorações existentes atualmente no Alto Taquari e no Vale do Itajaí como “lugares de memória”, verificamos que a memória construída a partir dos mesmos tem como finalidade representar uma cultura tradicionalmente alemã, que remete à Alemanha como ideal. Trata-se de uma memória enquadrada que se integra, de acordo com Pollak (1989, p. 7) “[...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”. Essa memória enquadrada, fruto de um “trabalho de enquadramento”, segundo Pollak (1989, p. 8):

se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências

⁸ Os meios de memória se relacionam com o dia a dia, com a transmissão da tradição e da cultura somente através da oralidade (Nora, 1993).

associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. Mas, assim como a exigência de justificação [...] limita a falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política, o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos.

O trabalho de enquadramento da memória, portanto, necessita de atores, agentes de sua construção. No caso dos imigrantes alemães e seus descendentes, a representação (CHARTIER, 1990) construída sobre si pelas lideranças étnicas⁹ remonta a uma ideia de origem primordial e essencial. Embora academicamente os estudos sobre etnicidade¹⁰ desmitifiquem essa concepção, verificamos que a mesma é apropriada pela memória coletiva e reforçada pelos “lugares de memória”. O passado construído pelas lideranças étnicas defensoras do germanismo – “[...] movimento intelectual criado entre meados do século XIX e a década de 1940 por indivíduos do grupo étnico alemão no Brasil”, orientado pela concepção de unidade cultural germânica (SILVA, 2005, p. 311) – tem no processo de colonização uma crença de origem comum. E não apenas compartilhar esse passado comum, como fixar símbolos e critérios de identificação são maneiras de estruturar e reestruturar as fronteiras étnicas através da interação do grupo étnico com os outros. São estes fatores de diferenciação e das características e costumes comuns que dão ao grupo o suporte para a “honra étnica” que, de acordo com a historiadora Regina Weber (1994), é o que realmente sustenta a sua identidade e denota a percepção da superioridade das características de cada grupo étnico. Sobre essa concepção, Seyferth (1994, p. 24) afirma que a “ideia de descendência comum, ser ‘de origem’ implica em aceitar um modo de vida e um comportamento social diferenciados, embasados numa ‘cultura alemã’ modificada por mais de 150 anos de história comum no Brasil”. Assim, a autora afirma que o que mais conta no plano de afirmação da etnicidade é a “cultura da colonização”.

Além de contar com a ideia compartilhada de passado comum, o grupo étnico seleciona os traços culturais que irão identificar seus integrantes e, no caso dos teuto-

⁹ Sobre o papel desempenhado pelas lideranças étnicas teuto-brasileiras, ver Silva (2006, p. 111-121) e Werle (2014, p. 35 a 37).

¹⁰ Sobre os estudos referentes à teoria da etnicidade, este estudo foi baseado nas pesquisas de Poutignat; Streiff-Fenart (1998) que, classificando-se na linhagem fundada por Fredrik Barth na década de 1960, se apoiam numa concepção dinâmica da mesma, de modo que, como qualquer outra identidade coletiva, ela “é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não.” Assim, esses processos sofrem mudanças ao longo da história, perdendo ou ganhando características (traços culturais como crenças, ritos, língua e valores) que diferenciam os grupos étnicos, sem que se percam os limites culturais que os distinguem dos outros.

brasileiros, encontramos entre estes elementos as associações (de tiro de guerra, de canto, de ginástica e de auxílio mútuo) que assumiram forte caráter étnico; a concepção do alemão como “povo trabalhador”, contida no ethos do trabalho; o uso da língua alemã; as festividades cíclicas, contendo culinária, danças e trajes considerados típicos, enfim, que reificaram “uma ‘cultura germânica’ pretendida pelos imigrantes e seus descendentes” (SEYFERTH, 1994, p. 15). Na contemporaneidade, observamos a continuidade do trabalho de enquadramento desta memória que, como afirma Pollak (1989, p. 8-9) “Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc” - neste caso, os “lugares de memória” aos quais este artigo se refere.

3 Os “lugares de memória”

A criação dos roteiros turísticos, museus e festividades, esses “lugares de memória” no Alto Taquari e no Vale do Itajaí, insere-se na discussão em torno da relevância que o tema patrimônio adquiriu na discussão historiográfica recente. Alter ego da memória, como afirma Hartog (2014, p. 195), o patrimônio é um “convite à anamnese coletiva” em uma sociedade na qual o tempo parece acelerado. Sintoma, indício de um momento histórico marcado por um regime de historicidade¹¹ presentista, no qual vivemos a “experiência contemporânea de um presente perpétuo, inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico” (HARTOG, 2014, p. 39), o patrimônio ancora o medo do esquecimento em uma sociedade dominada pela rapidez da informação, que quer tudo lembrar:

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa. [...] Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa (2014, p. 147-148).

¹¹Koselleck (2006, p. 313) caracteriza como regime de historicidade a tensão que envolve duas categorias históricas – espaço de experiência e horizonte de expectativas – capazes de se pensar os modos de relação com o tempo.

Na sociedade onde tudo é consumível, os “lugares de memória” não ficam de fora, e apresentam-se como oportunidade econômica no mercado do turismo. “O turismo é também um poderoso instrumento presentista: o mundo inteiro ao alcance da mão, em um piscar de olhos e em quadricromia”, como afirma Hartog (2014, p. 148).

Na região do Alto do Taquari, roteiros que envolvem a culinária e arquitetura germânicas, além do estilo de vida colonial, fazem parte de cinco projetos turísticos que abarcam os municípios do Vale, a saber, o “Caminhos da Forqueta”, a “Rota Germânica”, o “Roteiro Turístico Delícias da Colônia”, o “Tour Lajeado” e a “Rota Turística Trilhas e Memórias”, que está em fase de montagem. Além destes trajetos que revelam ao turista traços considerados característicos da colonização alemã, o Vale do Taquari também é sede do mais antigo grupo de danças folclóricas alemãs do Brasil, criado em 1964 no município de Estrela (RS). Observamos, através do histórico do grupo descrito em seu site oficial, que o mesmo foi criado justamente com o intuito de reintroduzir as danças consideradas típicas alemãs na sociedade local: “Os jovens da época não sabiam mais dançar valsas, polkas e schottisch. Aquelas danças antigas estavam se perdendo no esquecimento do tempo”¹². Atualmente, o Grupo conta com 420 componentes, com idade entre três e oitenta anos, e realiza apresentações em âmbito nacional e internacional. O evento mais confirmado do Grupo, no entanto, é o Festival do Chucrute de Estrela¹³ que, desde 1965, é comemorado no complexo que envolve atualmente a Maifest (festa de aniversário do município), a Park Chopp Fest (festividade que envolve os jogos germânicos) e a Brotfest (a festa que enaltece o pão como alimento). Em maio de 2013, um jornal local reproduziu a fala do prefeito do município, ao ser questionado sobre as festividades, no que este respondeu: “Admiro os estrelenses pela paixão que têm pela cultura germânica. Observar toda essa gente que compareceu para prestigiar a abertura de nossa festa me dá muito orgulho”¹⁴. O informativo também discorreu sobre a programação do evento e anunciou: “Até o dia 26, a cultura alemã seguirá sendo cultuada por meio de músicas, dança e gastronomia típica”¹⁵.

Todas essas festividades que celebram uma suposta cultura alemã, fomentando a construção de uma identidade étnica, ratificam a ideia de que esta é dinâmica e

¹² Histórico do Grupo Folclórico de Estrela, disponível no site: <http://www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br/>. Acesso em 25 abr. 2014.

¹³ No site oficial do Festival do Chucrute de Estrela, os turistas são convidados a participar do evento: “Venha viver a Alegria do mais tradicional Festival de Folclore Alemão do Estado do Rio Grande do Sul, animado com muita Música, Dança e Gastronomia Típica”. Disponível em: <http://www.festivaldochucrute.com.br/> Acesso em 25 abr. 2014.

¹⁴ “Começa a Maifest dos 137 anos”. Jornal O INFORMATIVO DO VALE, ano XLII, p. 4, 18 e 19 mai. 2013.

¹⁵ Idem.

constantemente reatualizada conforme o momento histórico em que o grupo étnico é inserido. Analisando percursos turísticos representantes da identidade étnica italiana na serra gaúcha, Beneduzi (2009, p. 49) enfatiza a questão de que os mesmos carregam em si uma ilusória ideia de “resgate” do passado:

Muitas vezes os projetos culturais e turísticos acabam construindo simulacros de uma quotidianidade acontecida. Enquanto se propõem a revelar o autêntico, a permitir que se veja as coisas como de fato o foram, esses programas ressignificam o real e constroem uma realidade passada estetizada, desprovida do efeito do tempo que frui.

O Vale do Itajaí¹⁶, em Santa Catarina, também caracterizado como “Vale Europeu” pelos informes turísticos que abordam a região, também é contemplado neste processo de mitificação de uma cultura germânica identificada como primordial e essencial. Ao visualizarmos o site da prefeitura municipal de Pomerode, por exemplo, nos deparamos com o slogan “A cidade mais Alemã do Brasil!” e, no que se refere ao turismo, o município conta com seis grupos folclóricos alemães, com o Museu Casa do Imigrante, o Museu Pomerano, rotas turísticas e, ainda, o portal turístico de entrada de Pomerode¹⁷ no qual, “Além de conhecer mais sobre o município, no Portal Sul é possível tirar fotos usando trajes típicos alemães, comprar artesanato local ou ainda alugar uma bicicleta para passear pelas ruas da cidade”¹⁸. Em se tratando de “lugares de memória”, o Vale do Itajaí também contempla a Oktoberfest, festividade que acontece anualmente nos municípios de Blumenau e Brusque, com sentido de enaltecer a arquitetura, culinária, trajes e músicas consideradas típicas alemãs. Além destes exemplos, a região comporta muitos percursos turísticos e museus referentes ao passado de colonização alemã que procuram demonstrar um caráter autêntico e de originalidade étnica ao turista.

Neste sentido, observamos, de acordo com Roswithia Weber (2006, p. 290), que “[...] os interesses econômicos apropriam-se do discurso homogeneizador como estratégia de promoção turística, configurando o que pode ser chamado de ‘turismo étnico’, que toma como propósito mostrar o que a região tem, considerando o mote étnico alemão”. O apelo do turismo sobre os “lugares de memória”, portanto, também influencia a produção do discurso

¹⁶ O Vale do Itajaí localiza-se na região leste do estado catarinense e é formado por quarenta e nove municípios. A região foi receptora de imigrantes alemães a partir das primeiras décadas do século XIX, de acordo com Seyferth (1974).

¹⁷ Site da prefeitura de Pomerode: <http://www.pomerode.sc.gov.br/>. Acesso em 25 abr. 2014.

¹⁸ Trecho referente ao segmento de turismo do site da Prefeitura de Pomerode: <http://www.pomerode.sc.gov.br/AtrativosTuristicos8.asp>. Acesso em 25 abr. 2014.

que referencia a memória do grupo étnico teuto-brasileiro a uma origem primordial. Isto decorre que os “lugares de memória” referidos neste trabalho sejam compreendidos como lugares de produção e reafirmação de uma memória enquadrada sobre uma identidade étnica construída a partir de uma tradição inventada (HOBSBAWM, 1984) e, além disso, como lugares onde as memórias subterrâneas sobre a trajetória de vida dos mesmos no Brasil seja silenciada.

4 Considerações Finais

Este trabalho tem como intenção refletir sobre a relação entre a memória e seus lugares. Neste caso, as conclusões em torno de minha pesquisa sobre as memórias acerca dos tempos sombrios do Estado Novo no Alto Taquari possibilitaram a reflexão sobre o quão subterrâneas são estas em detrimento de uma memória enquadrada construída e reforçada pelos “lugares de memória” existentes na região, como os roteiros turísticos, os grupos folclóricos e as festividades cíclicas. A análise sobre estas comemorações, segundo Ferreira (2012, p. 120):

[...] dão a oportunidade de acompanhar o trabalho permanente de construção da memória ao selecionar o que deve ser valorizado e o que deve ser esquecido. Isto permite ao historiador combater o determinismo e o relativismo. A história das comemorações nos permite captar a diversidade de visões ao longo do tempo e desnudar os conflitos e enquadramentos da memória.

Pensar os “lugares de memória” como lugares propícios para a difusão de discursos oficiais, assim como sintomas de um regime de historicidade pautado numa relação primordial com o tempo presente e, neste sentido, passível de apropriações econômicas de uma sociedade de consumo como ocorre com o mercado do turismo, torna necessário, por outro lado, refletir sobre o não-dito, sobre as memórias subterrâneas cobertas por estes processos, mas nem por isso esquecidas, como afirma Pollak (1989, p. 3) “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos [...]”.

Essas breves e incipientes reflexões realizadas neste trabalho tocam por alto um tema ainda a ser pesquisado e estudado detalhadamente. Não foi intenção concluir análises, mas

sim dar início a um novo campo de possibilidades sobre a temática e os usos deste passado através de um campo difusor de discursos sobre o mesmo, os “lugares de memória”.

Referências

AHLERT, L.; GEDOZ, S. T. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo e Debate**, Lajeado, ano 8, n. 1, 2001, p. 49-91.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENEDUZI, Caminhos de memória: uma análise de percursos de italianidade no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 40-55, jan./jun. 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papyrus, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: UNIVALI, 2005. 533p.

FERREIRA, Marieta de M. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA et al. (Org.) **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012.

FIORI, Neide Almeida. A nacionalização do ensino em Santa Catarina: tempos de guerra e de controle político-cultural. In.: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, SC, n. 13, 2005. p.105-120.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

HOBSBAWM, Eric J. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, S.Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2014.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989, p. 3-13.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Editora Moimento/SAB, 1974, p. 29-33.

SEYFERTH, Giralda. A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. da ULBRA, p. 11-28, 1994.

SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de C. Leite. (Org.). **Região e Tradição na América Latina**. Brasília: Editora da UnB, p. 81-109, 2000.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 295-330, jan./dez. 2005.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950). **Coleção ANPUH-RS**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3 ed. Brasília: Editora da UnB, 1994. vol. 1. (P. II, cap. IV, “Relações comunitárias étnicas”, p. 269-277).

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, C. e VASCONCELOS, N. (orgs.) **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 105-119.

WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In :SIDEKUM, Antonio, ARENDT, Isabel, GRÜTZMANN, Imgart. **Campos Múltiplos: identidade, cultura e história. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blasio Rambo**. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, p. 235-255, 2008.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário: História, Identidade e Turismo nos Municípios da Rota Romântica – RS**. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

WERLE, Bibiana. **A Campanha de Nacionalização e sua Memória no Alto Taquari (RS)**. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação (Licenciatura em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

Jornal citado:

O INFORMATIVO DO VALE, ano XLII, p. 4, 18 e 19 mai. 2013.

Sites institucionais citados e sites consultados:

Grupo Folclórico de Estrela (RS): <http://www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br/>

Festival do Chucrute de Estrela (RS): <http://www.festivaldochucrute.com.br>

Prefeitura de Estrela (RS): <http://www.estrela-rs.com.br/>

Prefeitura de Lajeado (RS): <http://www.lajeado.rs.gov.br/home/index.asp>

Prefeitura de Arroio do Meio (RS): <http://www.arroiodomeiors.com.br/>